

Suplemento Cultural

Viva Campo Grande, nossa querida Morena!



(FOTO: GOOGLE)

A VISTA NOTURNA DE CAMPO GRANDE/MS – 118 anos de fulgurante desenvolvimento

RUBENIO MARCELO – poeta
escritor e Cidadão Campo-Grandense

Ostentando a condição natural de uma das capitais mais importantes do País – detentora de aspectos socioeconômicos destacados e manifestações culturais diversificadas – a nossa querida “Cidade Morena” comemora 118 anos de emancipação política.

Conforme os anais da história, Campo Grande surge como município em 26 de agosto de 1899 (por meio da Resolução nº 225), e – através da Lei Complementar nº 31, assinada pelo então Presidente da República, Ernesto Geisel, em 1977 (11 de outubro) – é elevada à Capital do Estado de Mato Grosso do Sul (que foi instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1979).

Como é prazeroso e confortável viver em Campo Grande!... Viver Campo Grande... Desfrutar das suas belezas, visitar seus pontos turísticos, acompanhar o seu harmonioso e sustentado progresso, enfim: curtir o fascínio geral que emana naturalmente desta ‘Rainha do Centro-Oeste’, ‘Capital dos Ipês’. A propósito, a nossa saudosa amiga e confeitaria Maria da Glória Sá Rosa assim asseverou

num dos seus artigos: “A Campo Grande de meus sonhos – feita de imagens, rostos, paisagens, monumentos – é única em sua configuração. Por isso, marcou-me profundamente e não a troco pela mais brilhante metrópole do universo”. Já o confrade poeta Geraldo Ramon Pereira assim extravasa no seu soneto “Campo Grande de agora”: “(...) São teus prédios mãos postas a um bendito / Céu de araras azuis com garças claras... / Teu luar tem o encanto de algum mito! / Nem se sabe o que em ti é mais bonito: / Se as manhãs – que em sorrisos escancaradas; / Se as tardinhas – em que oras ao Infinito!”.

E eu, que fui acolhido tão bem por esta bela “Morena” (e que hoje registro também a honra de ser um Cidadão Honorário Campo-Grandense), tenho timbrado o meu amor telúrico por esta Cidade em algumas das minhas composições autorais. Para a nossa principal via urbana (Avenida Afonso Pena), por exemplo, escrevi soneto assim: “Ó meiga e majestática Avenida, / Orgulho da Morena Capital... / Das nossas volições és acolhida; / De Campo Grande és um cartão-postal. // Teu canteiro central preserva a vida / Que se espargue em visão escul-

tural... / Cenário arborizado, paz florida, // Colóquios em canção dominical. // A flora centenária, que te adorna, / Encanta a afável noite e a tarde morna / Com semblante virente e tez amena... // És patrimônio histórico de um povo, / Paisagem de beleza e de renovo, / Oh! impar Avenida Afonso Pena!”.

No nosso belíssimo Parque das Nações Indígenas (um dos maiores parques urbanos do mundo) tive esta inspiração: “Andar no Parque das Nações Indígenas / É remoçar no reino da beleza, / Interagindo em tom com a Natureza / Que afaga todos com feições celígenas... // Nas sendas verdejantes... Cantilenas / Da fauna são prelúdios de pureza... / As águas, madrigais em correnteza, / Repletam messes de esteias plenas... // Voar no voo terno das araras / E vislumbrar a paz das capivaras / Aos sóis deste habitat olimpiano... // É sublimar a vida que se expande / Em pleno coração de Campo Grande... / É conceber mens sana in corpore sano!”.

E agora, nesta ocasião especial, reitero de coração este meu singelo tributo-homenagem em soneto (Minha Ode a Campo Grande): “Ser estame da flor deste cerrado /

“

Como é prazeroso e confortável viver em Campo Grande!... Viver Campo Grande... Desfrutar das suas belezas, visitar seus pontos turísticos, acompanhar o seu harmonioso e sustentado progresso”

Em perfeito e justíssimo prazer... / Partilhar deste encanto abençoado / Que sublima a cerviz do nosso ser. // Seduzir-se perante este eldorado / No fluir natural de um benquerer... / Chamar-se chamamé, mate gelado, / Ou guavira em eterno florescer... // Ter a morena cor deste lugar; / Ser qual trigo fecundo e respirar / Toda beleza inata que se expande... // Verdejar horizontes e sementes / Em segredos e prosas transcendentais... / E ser feliz assim em Campo Grande!”.

A maravilha de ser Ulisses

ANTÔNIO LOPES LINS

Um dia, a pedido do mestre, levei meu livro para Ulisses Serra ler. Escrevera-o há trinta anos, mas continuava indeciso sobre se devia publicá-lo. Havia páginas realistas, vivas demais para gostos puritanos e eu tinha medo de ser mal interpretado, julgado um escritor em busca de sucesso através da licenciosidade.

Ulisses leu o livro, em dez dias telefonou-me. Que eu fosse à sua casa, pois ele estava gripado e “se via obrigado a renunciar à satisfação de procurar-me em minha residência”.

Fui lá e recebi-me com aquela sua generosidade característica, a alma aberta, um sorriso animador nos lábios. Veio um refrigerante, falou-se do tempo e da Academia, que era a menina de seus olhos. Somente quinze a vinte minutos depois, quando a palestra caiu, ele foi buscar os originais e me disse, incisivo:

– Refunda-o no seu estilo atual e publique-o. Fará sucesso.

– Não gostou da maneira como foi feito? – Indaguei.

– Não é bem isso, cada época tem seu estilo, influências. Enquanto o tempo passa, ganhamos concepções novas e nos adaptamos, na difícil tarefa da co-

municação. Já imaginou como seria o diálogo entre um intelectual Cícero e um desses discípulos de Marcuse, cabeludo e revoltado, dos dias de hoje?

– E quanto às primeiras páginas, às descrições vivas do drama de Aretusa, acha que devo deixar, cortar ou amenizar?

– Você viu alguma pornografia ali?

– Absolutamente não. A não ser que o amor físico seja julgado pornográfico.

– Você o enfeitou, para provocar erotismo?

– Não. Conto-o como a própria protagonista me contou, natural e humano!

– Então não mude nada. A mim me pareceu assim. Santo Agostinho já dizia que aquilo que Deus criou não pode causar escândalo aos homens. Deixe-o como está, apenas atualize o colorido. Pode fazer mesmo, no seu livro, um pouco desse lirismo gostoso que é sua maior característica.

Nasceu, assim, meu romance “Caminho de Lama”. Ulisses Serra deu-me o roteiro para o sucesso do livro, incentivou-me, encorajou-me, como já o fizera quando eu pretendi lançar-me candidato a deputado e como fazia com todas as coisas daqueles que o procuravam para um conselho ou um incentivo. Não me esqueço nunca que Ulisses

veio de São Paulo, onde se encontrava e trouxe um sobrinho apenas para votar em mim, porque me incentivara e acreditava que eu seria um bom representante do povo.

Era um homem simples, despretenso, de uma humanidade comovedora. Literato de raça e estirpe, com o dom inato da comunicação, sabia fazer-se entender, com seus gestos, suas palavras, suas lapidadas páginas escritas. Comunicava-se também pela linguagem universal do coração, por aquela bondade inata que encheia volumes, criava e alimentava amizades e dedicações.

Como tabelião, sempre teve em mira personalizar os trabalhos mais simples, buscando os meios de torná-los acessíveis à bolsa de seus clientes, mais perfeitos e mais rápidos. Aconselhava sobre os meios de cumprir rotinas e sempre que era necessário interferia, através de suas muitas amizades, no sentido de reparar uma distorção, abreviar ou corrigir.

Homens como Ulisses Serra vêm ao mundo com a missão de aperfeiçoar a humanidade, dar exemplos, lançar sementes, criar escola. Nossa Academia foi uma semente, uma escola e um exemplo. É a casa de Ulisses, onde esperamos que seu espírito encontre guarida e se conserve, para todo o sempre, com toda a sua grandeza e sua maravilhosa bondade.

A RUA 14 DO MEU TEMPO

(Excerto da crônica original do livro ‘Camalotes e Guavirais’)

ULISSES SERRA

Talvez outra não tenhamos no Brasil com essa denominação em homenagem a um dos degraus escalados pelo homem em busca dos seus direitos. Em setembro de 1930 trocaram-lhe o nome pelo de Aníbal de Toledo, de modo que o atuante e dinâmico prefeito Antônio Antero Paes de Barros melhor se aquecesse ao sol surgido no Alencastro, em 22 de janeiro daquele mesmo ano.

O homenageado, presente à cerimônia, ouvia embevecido as loas e os ditirambos da lisonja, supondo a placa fosse atravessar os séculos, levando-lhe o nome. No mês seguinte sobreveio a revolução e seus autênticos adeptos, repentinamente fortemente engrossados por rubros e acalorados adesistas de última hora, trocaram-na aos urros pelo de João Pessoa. Quinze anos depois, o prefeito-interventor Carlos Huguenei Filho restaurou o antigo nome, que não desertara da preferência do povo.

Ao meu tempo de moço, a rua tinha o leito desnudo e vermelho. Na estação

chuvosa, era um tremedal; na estiagem, quando o vento norte soprava rumo ao sul, rolavam colunas escarlates, altas, espessas de poeira, tão compactas que não se reconhecia o transeunte da calçada oposta. Só pelo meio-dia ia cessando o castigo do pó e do vento. Tudo ficava vermelho, encardido, marcado pela poeira. Sonhávamos vê-la um dia revestida de asfalto, iluminada, com água e esgoto, regurgitante de gente e de carros. Não supúnhamos nunca chegar a vê-la como hoje com arranhacéus, luzes azuis, anúncios luminosos e multicores, jornais diários, estações de rádios, tevês, num intenso movimento de metrópole.

Homens de bombachas, culotes, ponchos, revólver nas guaiacas cómodas e seguras. Outros, de camisa de seda italiana, ternos de linho branco e creme HJ.110 e 120, tussor de seda, cor-de-palha, procedente do Japão e da Itália. Mulheres sertanejas vestidas à moda do sítio, às vezes montadas a cavalo, chapéu de feltro e saias sobre calças de homem. Lindas mulheres trajadas elegantemente, enchendo a rua cabocla de charme e essências da França. Iam e vinham aranhas e troles tirados a dois cavalos, com cocheiros japoneses à boleia. Pessoas e casas marcavam mais nitidamente a rua, dando-lhe características próprias, modelando-lhe a alma.

POESIA

TRILOGIA AO 118º ANIVERSÁRIO DE NOSSA CAPITAL

GERALDO RAMON PEREIRA

I – GÊNESE DE CAMPO GRANDE

Bíblico é o vulgo: foi de terra pura
Que o bom Criador, em gesto quase insano,
Modelou, em carinho/amor/doçura,
Seu engenho cabal – que é o ser humano.

De alhures terra, em análoga ventura,
– Imitando do Pai o santo plano –
Um filho-herói fez maxi criatura
Ao fundar Campo Grande – de amor lhano!

Deu-lhe o sopro da vida o Zé Antônio,
Que aqui pôs em labor o seu monjolo,
Qual símbolo perpétuo do seu sonho:

A bica d’água é o suor desta gente
Que aciona, no progresso deste solo,
Um monjolo a cantar eternamente!

II – CAMPO GRANDE DE OUTRORA

Terra dos guavirais, das seriemas,
Do ariticum, dos campos mais floridos...
Cidade de mil raças, de mil lemas,
Memória de saudosos tempos idos!

Um solo de Inocências, de Iracemas,
De jagunços, de humildes ou “metidos”...
Chão que prende por múltiplas algemas,
Mas que liberta sonhos reprimidos...

Cadê os seus mendigos imortais?
Cadê Josetti, onde anda o vil Pompílio...
Maria Bolacha... irmãos, por onde andais?...

Talvez com Barbosinha ao léu vagais,
A buscar de uma estrela o falso brilho
No céu de um tempo que não volta mais!

III – CAMPO GRANDE DE AGORA

Procurei trescalar do ansioso peito
O saudosismo que em minh’alma aflora,
Para dar chance a outro tema eleito
Que é, Campo Grande, te cantar no agora.

Falar-te carinhoso – esse é o meu jeito –
Do quanto o meu ser te ama, quer e adora...
Que cada rua tua é róseo leito,
Que me esperta ao labor a qualquer hora!

São teus prédios mãos postas a um bendito
Céu de araras azuis com garças claras...
Teu luar tem o encanto de algum mito!

Nem se sabe o que em ti é mais bonito:
Se as manhãs – que em sorrisos escancaradas;
Se as tardinhas – em que oras ao Infinito!